

Na ausência de luz, o farol da mobilização *Nursing Now* iluminando o porvir*

Isabel Amélia Costa Mendes¹

 <https://orcid.org/0000-0002-0704-4319>

Maria Auxiliadora Trevizan²

 <https://orcid.org/0000-0002-7306-9805>



Estamos a caminho da emancipação da Enfermagem.

Desde o início de nossa atuação nesta profissão, há mais de 50 anos, percebíamos seu contexto de subordinação e acato, sem limites, de ordens de outros profissionais - especialmente de médicos.

Durante algum tempo, nos primeiros anos de nossa carreira, testemunhamos fatos que evidenciavam que muitas enfermeiras não só concordavam com essa situação, mas também conduziam seus pares e alunos de enfermagem a tomarem atitudes que harmonizassem seu desempenho nos serviços de saúde tendo por base essa subserviência.

Com clareza, sentíamos também que alguns colegas, apesar de se enquadrarem a essas circunstâncias, não se mostravam confortáveis diante de tanta dependência. Algumas vezes presenciávamos conflitos e até rebeldia da parte que se sentia dominada. Por outro lado, uma parcela das enfermeiras procurava demonstrar a importância de seu trabalho no âmbito da saúde, além de expressar suas convicções sobre a necessidade de interdependência em relação aos demais profissionais. Entretanto, em geral, elas demonstravam facilidade de ajustar-se a disciplina, rotinas e rigorosa observância de determinações organizacionais a ponto de transformá-las de meios para fins em si mesmas, provocando rigidez e formalismos desmedidos em suas ações⁽¹⁾.

Considerávamos traumática essa realidade da Enfermagem: assim afirmamos porque, um acontecimento pode ser indutor de trauma se causar apreensão excessiva, desrespeito a crenças e valores, além de violação de expectativas frente a uma profissão, sufocando os recursos cognitivos e causando respostas emocionais

* Este editorial refere-se à chamada temática "Nursing Now and Nursing in the Future".

¹ Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Centro Colaborador da OPAS/OMS para o Desenvolvimento da Pesquisa em Enfermagem, Colaboradora COFEn-Coordenadora do GT Nursing Now Brasil, Ribeirão Preto, SP, Brasil.

² Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Centro Colaborador da OPAS/OMS para o Desenvolvimento da Pesquisa em Enfermagem, Ribeirão Preto, SP, Brasil.

Como citar este artigo

Mendes IAC, Trevizan MA. In the absence of light, the Nursing Now lighthouse illuminates the future. Rev. Latino-Am. Enfermagem. 2020;28:e3356. [Access   ]; Available in:  .
DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1518-8345.0000.3356>. mês dia ano URL

inadequadas. Com essa restrição cognitiva e fragilidade comportamental, os profissionais apresentavam desempenho aquém de suas competências, dificultando a tomada de decisões.

Estávamos cientes de que transformações nessa dinâmica começavam a ser vislumbradas.

No entanto, apesar de mudanças progressivas principalmente no ensino, na evolução científica e tecnológica, na criação e desenvolvimento de especialidades, muito pouco foi alterado no comportamento e na atitude do enfermeiro, em relação a sua valorização, liderança e seu engajamento político tendo em vista a necessidade, o benefício e a relevância social da profissão.

Até agora o papel do enfermeiro permanece incompreensível. Essa obscuridade, essa incapacidade de se perceber a qualificação e os atributos que habilitam o trabalho desse profissional, é originalmente proveniente em grande parte da equipe de saúde, incluindo os próprios enfermeiros e, por conseguinte, da sociedade. Mas passado tanto tempo, é chocante admitir que a subutilização profissional do enfermeiro, que constatamos há quase quatro décadas⁽²⁾, ainda é real, conforme acaba de ser apontado por respeitáveis e notáveis líderes⁽³⁾. Nossa concepção, também aceita por outros autores⁽⁴⁻⁵⁾ é a de que a eficiência e a eficácia do enfermeiro prosseguem ocultas, invisíveis.

Assim, em consequência dessa ausência de luz, da falta de visão e de inteligibilidade frente a Enfermagem, há o desprestígio em torno da profissão. A sociedade ainda não considera o mérito, a necessidade e a legitimidade do enfermeiro: confere a ele a condição de um profissional quase desconhecido; ela não visualiza a essência e a excelência de sua atuação na área da saúde e, em decorrência dessa falta de clareza, não há a devida valorização e nem o justo reconhecimento do seu trabalho tanto por parte dos agentes da saúde, quanto por parte da coletividade.

A distinção dos relevantes serviços prestados por esse profissional precisa urgentemente ser evidenciada⁽⁶⁾!

Esses argumentos têm sido primordiais nos documentos-base que sustentam a Campanha Nursing Now⁽⁷⁻⁸⁾, nos quais são abordados dilemas e desafios que mobilizaram lideranças de governos e de organismos internacionais para ações convergentes, perante a visão de que sem enfermeiras e obstetrias não haverá alicerce e estrutura funcional para o pleno cuidado à saúde, pois ambas são essenciais para a implementação da agenda de desenvolvimento sustentável e cobertura universal de saúde. Nessa perspectiva está expressa a conclusão de que a superação desse entrave requer investimentos em educação, em políticas de valorização que sejam convertidas em melhores condições de trabalho, salários decentes, respeito, autonomia e, então, a adoção de estratégias capazes de vencer a escassez, incentivar vocações atraindo jovens talentos e ainda preservar os recursos humanos valiosos que já escolheram a profissão e merecem reconhecimento.

A previsão é a de que os serviços de saúde existentes somente serão mantidos se a força de trabalho, hoje quantificada em 27,9 milhões de profissionais de enfermagem e obstetrícia⁽⁹⁾, receber investimento, incentivos para retenção e renovação. Há evidências da necessidade de expansão de pelo menos 4,7 milhões nos próximos dez anos. Ressalte-se que essa ampliação foi estimada num cenário de relativa estabilidade, quando da conclusão do levantamento de dados para o Relatório sobre o Estado Global da Enfermagem⁽⁹⁾. Entretanto, com as turbulências devastadoras como a da COVID-19, em que a perda de vidas resvala significativamente também nos profissionais e alunos de enfermagem e de saúde, esse déficit já está ultrapassado, não obstante o recentíssimo lançamento desse primeiro relatório⁽⁹⁾ em 6 de abril de 2020 pela Organização Mundial de Saúde, pelo Conselho Internacional de Enfermeiros (ICN) e pela Campanha Nursing Now.

A mudança de paradigma que se vislumbra com a Campanha *Nursing Now* exige evidências que convençam governos e empregadores a investirem mais e melhor nos recursos humanos de enfermagem e a adotarem políticas inclusivas, em âmbitos governamentais e organizacionais, nos setores público e privado. Em assim sendo, conquistem espaço para que enfermeiras tenham voz ativa na formulação de políticas de saúde e que, ao invés de serem apenas aquelas que sempre garantem e fazem garantir a implementação de políticas de saúde - creditadas invariavelmente a outros profissionais - passem a ter posição assegurada nas mesas deliberativas, que sejam incluídas e ouvidas nas suas formulações, demonstrem sua contribuição nesse nível decisório e político, valham-se de sua visão e sua experiência para traçar a definição estratégica e operacional adequada e factível para cada contexto.

Em alinhamento com as organizações internacionais, que esse novo conceito de valor reflita-se no recrutamento de enfermeiras para cargos de liderança.

Sabemos que liderança faz diferença!

Para que as enfermeiras, cômicas e com convicção, possam adquirir habilidades, ter melhor compreensão e aprimorarem o desenvolvimento de seu potencial de liderança, devem considerar suas próprias peculiaridades, reconhecer seus valores e admitir a necessidade de esforço para assumir e cumprir certos requisitos e condições para o alcance da posição de líder. Assumida a posição, saber estar sempre vigilante para com o contínuo desenvolvimento de suas competências, solidificando os conhecimentos já adquiridos, dedicando-se ao mesmo tempo à formação de

novos líderes. Mobilizar essas lideranças para aprimoramento contínuo faz parte de seu papel, como representante da Enfermagem na instância decisória da organização à qual está vinculada: e é nessa esfera que ela apresentará propostas que visem o estabelecimento de uma política e de estratégias de desenvolvimento contínuo de pessoal em busca de qualidade, inovação e autonomia. E nessa mesma instância ela apresentará resultados e impacto do investimento na qualidade, demonstrando a eficácia dos serviços de enfermagem para a assistência aos pacientes e a eficiência para o envolvimento dos profissionais. Em assim agindo, passará a contar com apoio de outros profissionais, desencadeando projetos interprofissionais e contribuindo para a cultura de inovação nos processos de trabalho, num ambiente organizacional positivo e de valor aos seus componentes. Ao acionar esse processo de mudança, colocando-o em movimento e atuando como ativadora de projetos, programas e processos, essa enfermeira-líder e seus apoiadores projetam uma nova imagem profissional que se reflete por toda a organização, inspira reproduções pelos pares em outros ambientes de saúde capilarizando, aos poucos, para a sociedade.

Propósitos como esses em todos os setores da prática de enfermagem, em diversas conjunturas, são extremamente válidos, bem-vindos, fortalecem individual e coletivamente, empoderam os profissionais e a profissão, mas sua validação depende de autoridade, legitimidade associada a uma posição oficial – somente conferida pelo poder de posição, tal como recomendada pelo Conselho Internacional de Enfermeiros e pela Organização Mundial da Saúde: a posição de Enfermeira-Chefe Oficial de Governo, no mais alto nível dos Ministérios de Saúde.

E aqui está nosso desafio: qual a razão de não termos ainda a posição de Enfermeira-Chefe Oficial de Governo em alguns países?

A resposta primordial é ausência de liderança, da qual decorrem diretamente entraves políticos que só podem ser superados à medida em que tivermos desenvolvido, coletivamente, liderança expressiva capaz de convencer Ministérios de Saúde a seguir recomendação da OMS.

Referências

1. Trevizan MA. Enfermagem hospitalar: administração & burocracia. Brasília: Editora UnB; 1988.
2. Trevizan MA, Mendes IAC, Favero N. Subutilização do preparo profissional do enfermeiro. Rev Gaúcha Enferm. 1984 [Acesso 25 mai 2020];5(1):101- 11. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/3257/43273>
3. All-Party Parliamentary Group on Global Health (APPG). Triple impact: how developing nursing will improve health, promote gender equality and support economic growth. London: All-Party Parliamentary Group on Global Health; 2016 [cited May 25, 2020]. Available from: https://www.who.int/hrh/com-heeg/digital-APPG_triple-impact.pdf
4. Salvage J, Stilwell B. Breaking the silence: a new story of nursing. J Clin Nurs. 2018;27(7-8):1301-3. doi: 10.1111/jocn.14306
5. Mitchell PM. Nursing science and health policy- opportunities in the year of the nurse and midwife. Int Nurs Rev. 2020;67(1):1-3. doi: 10.1111/inr.12577
6. Trevizan MA, Mendes IAC. Administration of patient care: theoretical aspects. Int Nurs Rev. 1993 [cited May 25, 2020];40(1):25-8. Available from: https://pdfs.semanticscholar.org/eb74/dda3a14f45d92a98fbd87c9a72c01f466dec.pdf?_ga=2.153787453.481196755.1589149382-353432712.1589149382
7. Crisp N, Iro E. Nursing Now campaign: raising the status of nurses. Lancet. 2018;391(10124):920-1. doi: 10.1016/S0140-6736(18)30494-X
8. The Lancet. The status of nursing and midwifery in the world. Lancet. 2020;395:1167. doi: 10.1016/S0140-6736(20)30821-7
9. World Health Organization (WHO). State of the world's nursing 2020: investing in education, jobs and leadership. Geneva (CH): World Health Organization; 2020.

Autor correspondente:
Isabel Amélia Costa Mendes
E-mail: iamendes@eerp.usp.br
 <https://orcid.org/0000-0002-0704-4319>

Copyright © 2020 Revista Latino-Americana de Enfermagem
Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons CC BY.

Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. É a licença mais flexível de todas as licenças disponíveis. É recomendada para maximizar a disseminação e uso dos materiais licenciados.